



DEGUSTAÇÃO
GRATUITA

AUTOAMOR

e outras potências da alma

ANDREI MOREIRA
e espírito DIAS DA CRUZ

AUTOAMOR

e outras potências da alma

Andrei Moreira
e espírito Dias da Cruz



E D I T O R A

Belo Horizonte | Agosto | 2018

Prefácio, por Haroldo Dutra Dias

Alvorada cristã – 19

Apresentação, por Días da Cruz

Jesus, modelo e guia para a humanidade – 23

Introdução, por Andrei Moreira

Jesus e as potências da alma – 29

PARTE 1 | Andrei Moreira

1

Amor

alimento das almas – 37

2

O sermão do monte

As potências da alma – 43

3

Lázaro

Liberdade e autonomia – 50

4

Zaqueu

Arrependimento e reparação – 61

5

Pedro

Humanidade e autoamor – 75

S U M Á R I O

6

A mulher samaritana

Individualidade e plenitude – 85

7

João, o apóstolo

Fidelidade e presença – 93

8

Paulo de Tarso

Autossuperação e idealismo – 99

9

A mulher “adúltera”

Pacificação e acolhimento integral – 111

| O amor feminino, alimento da alma – 116

| Reiniciando a marcha em uma nova manhã – 118

| A pedra que tu atiras – 122

10

O cego de Jericó

Coragem e atitude – 129

11

O paralítico de Bethzatha

Autoperdão e reencontro com Deus em si – 137

12

O bom Samaritano

Caridade e doação de si – 145

| Reavaliando o caminhar – 156

13

Os dez leprosos

Sensibilidade e sociabilização – 163

14

Maria de Magdala

Renovação e Gratidão – 169

| Gratidão, memória do coração – 176

15

Maria, a irmã de Marta e Lázaro

Sabedoria e submissão – 179

16

O filho da viúva de Naim

Esperança e renascimento – 185

| A esperança – 190

| A amizade – 192

17

O filho pródigo

Arrependimento, humildade e reconexão com o amor – 195

18

Deus:

Amor incondicional – 203

| A Paternidade divina – 228

| Um novo tempo, uma nova era – 232

XXI

Posturas essenciais do paciente no processo
terapêutico de cura – 299

XXII

O jugo suave e o fardo leve – 304

XXIII

Carta aos médicos espíritas: Uma é a hora da comunhão,
outra a do testemunho – 307

XXIV

Para conquistar a saúde integral – 311

XXV

Desejo e vontade – 314

XXVI

O espírito, um sopro de amor de Deus na eternidade – 317

Um pouco sobre Dias da Cruz – 320

Bibliografia – 326

ALVORADA CRISTÃ

por Haroldo Dutra Dias

Prenunciando os novos tempos da experiência humana, em que as potências anímicas serão concretizadas, permitindo ao homem usufruir da fraternidade, da paz, da justiça, do amor e da felicidade, sua sagrada herança, Dias da Cruz e Andrei Moreira nos oferecem profundas reflexões em torno das lições do Mestre.

Dois médicos, dois olhares, dois planos da vida, quatro mãos, unidos fraternalmente à procura do autoconhecimento. Raciocínio e sentimento mergulhados no infinito oceano do Evangelho.

Nestas páginas, amigo leitor, terá encontro marcado com o Amor.

Amor que germina em nossa sagrada cripta interior, mas que anseia por ser compartilhado, no sublime banquete da caridade.



Criados à imagem e semelhança de Deus, estagiamos na carne e nos planos espirituais, com o propósito de acordar as sementes divinas depositadas em nosso íntimo.

A bênção da multiplicação pede alguns pães, ofertados no altar da generosidade, assim também o amor incondicional ao semelhante reclama o autoamor, nosso trigo interior.

É a natureza florescendo, à espera da Alvorada celeste, que invadirá toda a Terra, começando pelo nosso coração.

Belo Horizonte, inverno de 2012.

Haroldo Dutra Dias

Juiz de Direito em Contagem, MG. Linguista especializado nos idiomas grego e hebraico, traduziu o Novo Testamento que foi publicado pelo Conselho Espírita Internacional. Conferencista espírita nacional e internacional, especializado no estudo do Evangelho de Jesus. Autor do livro: Parábolas de Jesus - Texto e Contexto (FEP). Idealizador do Portal SER, que promove a difusão do estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita: www.portalser.org

Amarás o Senhor teu Deus
de todo o teu coração,
de toda a tua alma, de
toda a tua mente, e de
toda a tua força; este é o
primeiro mandamento.
E o segundo, semelhante
a este, é: Amarás o teu
próximo como a ti mesmo.
Não há outro mandamento
maior do que estes

Marcos 12:30-31

AMOR ALIMENTO DAS ALMAS



JESUS E AS POTÊNCIAS DA ALMA

Na perspectiva espírita, o homem é criatura divina que traz em si a grandeza do Criador. Cada ser é uma experiência de amor de Deus, no tempo, sonhado e idealizado pela sabedoria universal com um objetivo particular, único.

Desenvolvendo-se gradativamente ao longo dos milênios, a crisálida divina pouco a pouco revela sua natureza, descobrindo-a lentamente. Qual a semente que traz em si a herança da árvore em cujo seio foi formada, o espírito traz impresso em sua intimidade mais profunda a marca do amor infinito do Pai, de cujo seio apartou-se, para a Ele retornar, desenvolvido e frutificado.

O amor não é um sentimento que se busque fora, embora possa ser exercitado e sentido nas relações. Ele é a própria estrutura da vida, que vibra nas entranhas de cada ser. Permanece oculto nas camadas mais profundas do *self*, o ser divino, qual o diamante oculto sob as camadas de terra – o ego – à espera de revelação.



Ao longo das vidas sucessivas, o homem caminha da simplicidade e ignorância para a angelitude e pouco a pouco experimenta as múltiplas nuances do amor. Inicia no amor gregário, na formação da família, estende-se ao amor partilha, das amizades, ensaia o amor parceria, nas relações afetivas até plenificar-se no amor doação, que lhe alimenta a alma. Todas as formas de amor, em cada momento evolutivo do ser, são sagradas e conectam o ser ao centro.

As experiências da vida prometem realização nas ofertas de posse e poder, prazer e possessividade, mas o homem, cada vez mais frustrado e vazio, vivencia os alienamentos e dramas passionais variados, fruto do egoísmo, negação do amor.

Sendo espírito imortal, o homem só se plenifica na relação com a fonte que lhe deu origem. E a encontra resguardada no interior de si mesmo, à medida que se aprofunda no reconhecimento de sua natureza, identificada com a natureza do Pai.

Os dramas da vida, as dores, sofrimentos, provêm do desejo de fazer a vida de acordo com as próprias leis e de uma interpretação da existência como algo definitivo, quando a natureza da vida é a impermanência. O benfeitor Dias da Cruz nos ensina que o homem também é natureza.

Qual a semente, vivencia as etapas de germinação, crescimento, floração e frutificação. A cada etapa, uma necessidade e uma potencialidade. A vida solicita do ser o comportamento adequado a cada etapa. Assim como não é justo cobrar do broto que se comporte como a flor, não é justo permitir ao fruto que se comporte como o broto. A cada um de acordo com seu nível de oportunidade e consciência.

No entanto, independentemente da etapa, o espírito sempre vivencia as quatro estações. Primavera, verão, outono e inverno são estações da alma que, ciclando promovem o fenômeno vida, que se renova permanentemente. E, conclui o benfeitor, “todas as etapas e todas as estações são divinas”.

Assim como as trocas realizadas na natureza, nas polinizações e relações de permuta, as relações sociais possibilitam ao espírito fecundar-se de vida, conhecimento e prazer, do material ao da alma.

Vivenciando a riqueza da diversidade, presente na natureza e na vida social, o homem é chamado a afirmar sua individualidade, igualando-se na condição de ser divino que o irmana ao próximo, que se faz família, mas distinguindo-se em sua particularidade que lhe faz especial.

Experimentando e desenvolvendo-se continuamente, o espírito progride paulatinamente, reconhecendo no amor o alimento da alma, a sustentar-lhe em cada etapa evolutiva, pois somente ele é real e eterno, construindo no terreno do espírito aquilo que “as traças não comem e os ladrões não roubam”⁵.





2

Vendo as turbas, subiu ao monte. Após assentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a sua boca, os ensinava (...)

Mateus 5: 1-2

O SERMÃO DO MONTE

AS POTÊNCIAS DA ALMA



O SERMÃO DO MONTE – AS POTÊNCIAS DA ALMA

O sermão do monte representa a síntese da mensagem cristã. Nele estão resumidos os códigos divinos para a felicidade, a saúde e a paz interior. Utilizando-se dos símbolos culturais daquela época, Jesus legou à humanidade uma mensagem de esclarecimento e consolação que transcende os séculos e, ainda hoje, passados mais de dois mil anos, se encontra atual e mesmo vanguardista.

Para enunciá-lo, o Mestre afastou-se da multidão composta mais de curiosos que de discípulos, e subiu ao monte, elevando sua vibração espiritual e sintonia com a fonte, para discursar a respeito da natureza das leis divinas e da conquista do reino de Deus.

Acompanharam-no aqueles numerosos espíritos dispostos ao aprendizado e à cura interior. O sermão do monte inicia-se com a descrição das bem-aventuranças:



“Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o reino dos céus.
 Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados.
 Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça, porque eles serão
 saciados.
 Bem-aventurados os misericordiosos, porque receberão misericórdia.
 Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.
 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o
 Reino dos Céus.
 Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e [men-
 tendo] disserem todo mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e
 regozijai-vos, porque é grande a vossa recompensa nos Céus, pois assim
 perseguiram os profetas anteriores a vós”. (Mt. 5:6-12)

A
 U
 T
 O
 A
 M
 O
 R

A bem-aventuranças sintetizam o processo evolutivo humano e apresentam, ao mesmo tempo, os instrumentos e a finalidade do progresso. São convites para o encontro com a essência, a partir da consciência da não finitude, ou da imortalidade, pois falam diretamente ao coração, sede do sentimento, patrimônio eterno do espírito.

Nelas o Cristo apresenta o sublime convite ao desenvolvimento da humildade, da amorosidade e da entrega ao divino. Sem essas três condições, não há saúde plena ou definitiva.

Caminhando da simplicidade e ignorância para a angelitude, o espírito trilha um caminho de progresso no qual, crisálida, encontra na experiência material a condição nutriente para o despertar da sua genética espiritual, ou herança divina, visto que foi criado à imagem e semelhança do criador⁶.

No entanto, caminha da inconsciência para a superconsciência, onde se reconhece integrado na criação. Esse processo, lento e gradativo, se dá ao longo de milênios de experiências e repetições, em que o espírito se aprimora na conquista intelecto-afetiva, exercitando a

6 *Gênesis 1:27*

liberdade concedida pelo Criador, com a responsabilidade que lhe acompanha, relativa, naturalmente, ao nível de consciência e conhecimento da lei.

Um dos desafios interpessoais e intrapessoais mais contundente é o perdão às ofensas. Jesus nos adverte sobre essa potência da alma, no sermão do monte, quando afirma:

“Eu, porém, vos digo para não se opor ao malvado. Pelo contrário, ao que te bater na face direita, vira-lhe também a outra”.⁷

Sem perdão não há cura.

Para perdoar é necessário metabolizar a experiência, assumir responsabilidades e co-responsabilidades, acolher a própria humanidade e a do outro, com compaixão. A mágoa é um termômetro de nossos interesses e expectativas não atendidas, desejos não realizados, tentativas de controle frustradas e nos sinaliza o campo de trabalho interior ao qual devemos nos dedicar. O perdão se dá no tempo, a partir da decisão pessoal, e vai ocorrendo em etapas, pois há sempre um nível mais profundo de autopercepção que nos apresenta uma nuance nova da experiência. Mas ele só se inicia a partir do movimento humilde da alma, que acolhe a própria dor e decide-se pela paz, que merece, conquistando-a a partir do instante que estende-a ao seu semelhante.

Sabiamente afirmou Jesus:

“Sê benevolente depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que o adversário não te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e sejas lançado na prisão”.⁸

A prisão a que se refere Jesus é a cadeia de vínculos doentios que se estabelecem entre as almas que se negam a se amar, gerando lesões

7 Mateus 5:39

8 Mateus 5:25

afetivas recíprocas no descumprimento dos deveres ou na desconsideração dos sentimentos alheios. Tal vinculação mantém os indivíduos presos em contextos reeducativos, até que o amor seja reconquistado na relação e os danos por sua ausência sejam reparados, por meio do eterno bem.

O perdão, portanto, nada mais é que a sintonia com o natural fluxo amoroso que sustenta o universo, mantendo a coesão e a estrutura de tudo o que vive, permitindo que o amor seja restabelecido na relação consigo mesmo e com o próximo, para a pacificação da alma e a vitalidade interior.

É a abertura da alma para o respeito aos limites da imperfeição de tudo e de todos que se desenvolvem a caminho da plenitude. É libertação interior da dor derivada da neurose de controle e exigências do perfeccionismo. É atitude humilde de acolhimento do que cada um dá conta dentro de sua condição humana.

Só é possível perdoar ao outro quando se abre mão do papel de vítima, para encarar aquele que se equivoca com humanidade, como parceiro de infortúnio. Assim como o outro erra, cada um se equivoca em um ou outro momento da jornada, e mesmo que temporária ou momentaneamente virtuoso, já errou muito no passado e poderá voltar a errar no futuro quando a vida lhe trazer os desafios intra e interpessoais que aguardam solução.

Para perdoar ao outro é necessário inicialmente acolher o auto-perdão. Isso significa olhar para si mesmo com firmeza e compaixão. Firmeza para se diagnosticar o que se necessita ser curado e compaixão para se acolher com generosidade no tempo necessário que o processo de cura requer. A natureza não dá saltos...

O perdão é a sintonia com o amor, síntese da vida.

Jesus fala aos corações desejando despertar em cada um a riqueza interior que lhe é inerente. Mesmo quando fala das dificuldades humanas, o faz ressaltando a beleza ou a polaridade positiva possível a cada ser. E sintetiza todo o processo dizendo:

“Vós sois o sal da terra; porém se o sal se tornar insosso, com que se salgará? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo; não se pode ocultar uma cidade situada sobre um monte;

Nem se acende a candeia colocando-a debaixo do módio, mas sobre o candeeiro, assim ilumina todos que estão na casa.

Da mesma forma brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus”.⁹

Ao enunciar que o homem é o sal da terra e a luz do mundo, Jesus desperta em cada espírito o sentimento de amor primordial do instante da Criação, evocando em cada ser o autoamor curativo, aquele que faz o ser se sentir grande não por ser maior que o outro ou por ter necessidade de se destacar, mas por ser digno filho de Deus, trazendo em sua herança a própria presença do Pai.

Trata-se de um convite para a não negação da grandeza pessoal de ser imortal. Não há sentido em perder-se tempo em pseudoindignidades, desmerecendo-se, alencando falhas e vícios que justifiquem os movimentos físicos e psíquicos de autopunição, como se a suprema sabedoria fizesse seleção de bons e maus, justos e injustos, para serem amados ou merecedores de afeto, amparo e proteção.

“*Todo ser humano é digno não porque mereça, mas porque existe*”, afirma Dias da Cruz. Compete a cada um descobrir a beleza que existe no mais profundo do seu ser, descobrindo-a pelos caminhos da individuação pessoal, a porta estreita de cada um, da qual nenhum espírito poderá eximir-se no caminho do autoencontro e construção da felicidade e da paz.

Quando Jesus quis alimentar uma multidão¹⁰ de cinco mil homens que lhe ouviam outro momento de pregação, instou os apóstolos que os dessem de comer. Mas estes relataram ter pouco dinheiro para

9 *Mateus 5:13-16*

10 *Marcos 6:36-44*

comprar pão para a multidão, um sinal de que não reconheciam no pedido do mestre uma evocação da capacidade de mobilização dos recursos pessoais. Ao invés de solucionarem, justificam a incapacidade, como faz ainda hoje grande parte da humanidade que nega seu poder pessoal para servir e amar. Jesus perguntou-lhes o que tinham a oferecer e eles conseguiram encontrar 5 pães e 2 peixes. Jesus recebeu a pequena porção de alimento, elevou-a aos céus, como a evocar a força divina que havia em si, e multiplicou o alimento físico, assim como distribuía o alimento espiritual. Todos comeram até se fartarem e muitos cestos cheios sobraram com pedaços de pães e peixes.

Quando o espírito se reconhece divino, deixa de negar sua capacidade de realização e ainda que imerso em lutas reeducativas, para a reconexão com o amor, investe de si em favor de todos, ofertando, com boa vontade, o que tem para dar. E o pouco que tem, sustentado pelo amor e misericórdia, que são leis universais, se faz alimento para a multidão das necessidades pessoais e coletivas e pode muito em seus efeitos.

Evocar o autoamor é reconhecer que cada ser é fonte, independentemente das circunstâncias. Que não há dano irreparável, nem falta imperdoável, e sim contextos e lutas que mais cedo ou mais tarde conduzirão a todos para o amor e a realização no reconexão com o Criador.

Quando o autoamor é expresso, vibram no ser as potências da alma, fazendo com a luz particular de cada um se some às milhares de luzes irmãs, em um concerto de belezas humanas de caráter divino, que não tem fim. As obras que provêm do autoamor fazem com que aqueles que estão ao redor do ser passem a glorificar a presença divina que nele vibra, ao invés de incensar-lhe a personalidade efêmera.

E então, as boas obras dos homens fazem com que seja glorificado Aquele que verdadeiramente tudo pode e sabe, ao qual devemos “**toda honra e toda glória**”¹¹: o Pai, a fonte, o amor maior de onde todos viemos e para onde todos retornaremos, plenificados.

11 *I Crônicas 29:11; Apocalipse 19:1; Apocalipse 17:2*

O PARALÍTICO DE BETHZATHA – AUTOPERDÃO E REENCONTRO COM DEUS EM SI

Conta-nos o Evangelho que Jesus, em atitude terapêutica singular, aproxima-se de um homem que há 38 anos se encontrava enfermo sobre uma cama⁷⁰. Este permanecia, junto de inúmeros outros doentes, em um largo alpendre que margeava um tanque, dentro do templo de Jerusalém, que se chamava “piscina de Bethzatha⁷¹” ou tanque das ovelhas.

Dizia-se que de tempos em tempos viria um anjo a balançar as águas daquela localidade e o primeiro que nelas se atirasse seria curado de suas enfermidades. De tal sorte que uma grande multidão permanecia por lá, desejosa de cura e libertação.

⁷⁰ João 5:1-18

⁷¹ Bethzatha ou Bethsaidá ou Bethesdá. Nota de Haroldo Dutra Dias na tradução do *Novo Testamento*, Edicej, 2010.



Eles representam a infinidade de enfermos do corpo e da alma de todos os tempos que aguardam o socorro do alto e o fenômeno da cura a partir dos recursos exteriores e, portanto, permanecem aguardando, sem cogitar do poder pessoal de recuperação e regeneração orgânica e moral que necessitam e podem realizar, mantendo-se em postura psíquica e emocional de vitimismo, inconformação e rebeldia.

A grande maioria dos enfermos não deseja cura em um nível mais profundo, somente anestesia. Passa pela vida brigando com o próprio corpo, como se fosse um inimigo contra o qual deve lutar, sem perceber que o organismo físico trabalha a serviço da alma e da vida, comandado pelas correntes de pensamento e sentimento emitidas a partir dos corpos espirituais profundos, onde vigora a essência, o espírito, controlando a vida a partir de seu livre-arbítrio. Certamente os hábitos da vida material, tais quais a dieta, a higiene, o exercício físico ou sua ausência, dentre tantos outros, contribuem enormemente para o equilíbrio ou desequilíbrio físico. Mas o médico espiritual André Luiz nos explica que “muito raramente as doenças não estão diretamente vinculadas ao psiquismo”⁷². Dessa forma, o corpo não é um carro que se leva ao médico e demais profissionais da saúde mecânicos para trocarem a peça estragada. O corpo funciona como uma televisão que mostra em sinais e sintomas a novela, a história da vida íntima do espírito e suas decisões morais, na forma de capítulos que devem ser lidos e entendidos a fim de se modificar o roteiro de adocimento para saúde integral. Na intimidade da fisiologia orgânica, a partir das vibrações mais profundas da consciência, vibram as mesmas leis divinas, perfeitas e imutáveis, que a tudo governam, do micro ao macro, fazendo com que o corpo seja um instrumento do espírito em jornada ascensional contínua e gradativa revelação do amor em si. O corpo é um aliado e um parceiro que auxilia o espírito a se conhecer e perceber profundamente, seja nas expressões naturais dos movimentos de reequilíbrio que a lei promove na intimidade orgânica, seja como

72 Francisco Cândido Xavier e Espírito André Luiz, *Missionários da Luz*, p.176.

palco dos movimentos reeducativos que o ser elege ou a lei divina impõe ao espírito momentaneamente desviado de sua rota no bem, para o reequilíbrio e o reajuste perante a mesma.

Aquele homem estava enfermo há 38 anos. Era muito tempo de experiência e paralisação, não só do físico, mas da vontade, núcleo divino que deve mobilizar os recursos anímicos a serviço da vida.

O senhor o questiona se deseja se curar. Ele, ainda envolvido nas ilusões das crenças paralisantes, responde que tão logo as águas são balançadas, outro se lança à sua frente, sem que possa conseguir a cura. Jesus ignora sua fala, olha-lhe nos olhos e determina, imperativo: “levanta, toma o teu catre e anda”⁷³.

Certamente se trata aqui de um espírito parcialmente iludido pela dependência do exterior, mas amadurecido nos anos de sofrimento regenerador e que, portanto, ofertava ao Mestre a condição de ressonância para que o magnetismo curativo do Cristo, aliado à vibração amorosa de seu coração, pudesse reconstituir músculos, tendões e sistema nervoso atrofiados há longos anos.

Ele se levanta e caminha. Sua condição era de paralisia da vontade, assim como acontece com tantos homens e mulheres, cheios de potenciais produtivos e riqueza interior, que se neutralizam em crenças reducionistas, limitantes e autodestrutivas, atendendo a filosofias e ideologias que massificam sem desenvolver a individualidade eterna.

Cada ser humano é digno representante do amor maior, criado para uma vida de plenitude. Ainda quando equivocados em relação à lei do amor, em atitudes egoístas ou personalistas que neguem a necessidade do outro e do social, o homem é chamado a reencontrar-se com sua fonte interior, por meio do arrependimento sincero e da reparação das faltas cometidas, que pacifica o ser.

O paralítico da piscina de Betesda é uma representação do auto-perdão, potência vigorosa da alma, que deve nortear o ser no movimento de ativação da vontade, direcionando-a para as realizações produtivas a serviço do amor.

73 João 5:8

Aquele homem foi chamado a caminhar após longo tempo paralisado. As bênçãos divinas visitaram-no, despertando-o para a possibilidade de autocura e recomeço e ele atendeu ao chamado. Agora não mais permaneceria à margem do caminho, aguardando que as circunstâncias exteriores viessem dar-lhe o amparo. Jesus, como representação da misericórdia, ali se encontrara ativando o que havia nele de potencial curativo e ele aprendera que poderia se amar e prosseguir, desapegando-se da memória do sofrimento e do desprazer, da dependência e da paralisia, para uma vida de plenitude.

A cura real é a cura da vontade adormecida e paralisada, despertando o indivíduo para a possibilidade de realizações em favor de si. E isto acontece quando o espírito aprende com as experiências do passado qual o movimento de desconexão em relação à lei que se apresentou, levando-o ao processo de reequilíbrio na linguagem do corpo. Levar a cama, como Jesus havia ordenado ao homem, pode representar o movimento de tomar para si a essência da experiência, amando cada etapa de aprendizagem. Não se deixa para trás o que foi vivido. Tudo na vida pode ser rico campo de amadurecimento e crescimento interior, mesmo quando aparente somente caos e destruição. Daí a necessidade urgente de a criatura identificar-se com a amorosidade do Pai, para analisar a vida sem os rigores da autopunição, mas também sem desconsiderar os movimentos reeducativos que a lei determina, perante as escolhas e decisões que se distanciaram do bem, linguagem universal de Deus e lei maior da vida.

Na sequência da narrativa, Jesus encontra o homem recém-curado no templo de Jerusalém. O templo é o local exterior onde o homem expressa a sua adoração e reverência ao Criador. Segundo o espírito Joseph Gleber: “Saúde é a realização real da conexão criatura-criador, e a doença o contrário momentâneo de tal fato”⁷⁴. Aquele homem estava no templo exterior, adorando a Deus no templo interior da

74 Roberto Lúcio Vieira de Souza e Alcione Reis Albuquerque, *Espíritos diversos, O homem sadio*, p. 89.

alma, reconectado à fonte. Jesus, vendo isso disse-lhe: “Eis que te tornaste são, não mais peques para que não te suceda algo pior”⁷⁵.

Essa mensagem, que parece atestar uma ameaça, em verdade representa um movimento de amor e ternura do Cristo. Pois o pecado, no sentido literal que Jesus expressou, representa erro ao alvo. O grande alvo da vida é o amor, meta e instrumento ao mesmo tempo da evolução, em suas gradações infinitas. Quando o homem ama, qualquer que seja a experiência amorosa, conecta-se à fonte de todo bem.

Então a advertência de Jesus representa uma consolidação do movimento de cura ao homem. Ele se encontrava conectado ao Pai, porém devia estender essa conexão à vida, acertando o alvo do amor em seus esforços de paz, sem se desviar novamente na negação do amor e na paralisação da vontade, o que certamente acionaria mecanismos naturais de reequilíbrio e reeducação, agora mais intensos, pois a vida permite as consequências dos atos de cada um de acordo com o nível de consciência e oportunidade.

Aquele homem havia recebido muito e a vida agora o convidava a distribuir as bênçãos recebidas, partilhando-as e acertando o alvo certo do amor, que o manteria em plena saúde do corpo e da alma.



MARIA, A IRMÃ DE MARTA E LÁZARO – SABEDORIA E SUBMISSÃO

Em significativa passagem do Evangelho ocorrida na aldeia de Betânia, encontramos Maria junto de sua irmã Marta e seu irmão Lázaro, recebendo Jesus em sua casa⁸⁴. Na ocasião, os sedentos de orientação e amor profundos se encontravam ouvindo o Mestre em sua preleção divina.

Marta se exaspera, queixando-se ao Senhor que Maria não lhe ajudava nos muitos afazeres domésticos, ao que Jesus lhe responde que ela estava afadigada com muitos afazeres e que Maria havia escolhido a boa parte, a qual não lhe seria tirada.

Maria é o símbolo, o arquétipo da previdência e da prudência, da maturidade espiritual. Sabia-se em presença do divino mensageiro e acolhia-o também em sua casa interna, permitindo que seu verbo iluminado a norteasse,

84 Lucas. 10: 38-42



preenchendo a vida de sentido e significado profundo. Ela sabia que o Mestre não tardaria e que beber da fonte límpida era a atitude sábia daquele que desejava alimentar o coração de força e vigor para as lutas diárias. Permitia-se portanto sentar-se aos seus pés para ouvir-lhe com a alma, sem se agitar pelas obrigações de ordem material.

Na atualidade em que as dores campeiam, uma grande parte de indivíduos se perde nas experiências de alucinação materialista e alienação moral, enquanto a humanidade pede respostas para as crises sociais, econômicas. Em vão a ciência tenta fornecer ao homem a segurança interior que lhe pacifique a intimidade.

O Evangelho é a síntese de sabedoria, extraída das experiências multimilenares do Cristo e de sua compreensão profunda das leis divinas, ofertando ao homem o roteiro seguro para a paz interior.

Falta ao homem moderno a sabedoria de reconhecer-se necessitado, libertando-se da fascinação que a matéria exerce, para que se permita sentar-se aos pés de Jesus, para beber-lhe a sabedoria e a orientação precisas, capazes de fornecer ao viajor a bússola certa para que aporte no porto da realização e da paz.

Já Marta é o símbolo da ansiedade, que se agita nos referenciais exteriores, ocupada em atender à necessidade material e de toda gente, sem permitir que as atitudes exteriores venham da ressonância com a essência. Seu ciúme de Maria a revela desconectada do sentido profundo do que fazia, julgando-se injustiçada.

Em outra passagem, quando Lázaro cai enfermo, Marta manda chamar a Jesus, que se demora ainda dois dias em Jerusalém antes de vir vê-los. Quando o mestre chega, Lázaro já se encontrava considerado morto e enterrado. Marta corre, então, ao encontro do Mestre, a cobrar-lhe: “Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido”⁸⁵. Era como se dissesse, em outras palavras: “Por que não vieste quando chamamos? Acaso desconsideras a nossa dor?”. Chega quase que, inconscientemente, a considerar Jesus um incompetente por não perceber a gravidade do caso e não comparecer no momento devido.

85 João 11:32

Marta era a ansiedade personificada.

E a ansiedade patológica é sempre a desconexão com o sentido mais profundo da vida e das circunstâncias. Ela ocupa o lugar da sabedoria, quando esta está ausente, agitando a vida interior para realizações exteriores que aplaquem a dor interior.

O transtorno de ansiedade é a doença mental mais prevalente na humanidade, sendo a depressão a segunda. Representa a inquietude e a perturbação interior do homem, movido por crenças irreais a respeito de si mesmo e do outro, que o faz desejar correr em busca de uma meta sempre inalcançável, porque distante da intimidade profunda.

O ansioso patológico vive alternando a dependência do passado com a projeção no futuro, vivendo uma ilusão. A única realidade é o presente. O passado já se foi, é experiência e o futuro é sonho e promessa, dependente das escolhas atuais.

Aquele que reconhece a sabedoria da vida está conectado à força e valor pessoal e, sobretudo, está consciente da paternidade divina e não abriga na alma a ansiedade. Sabe que “a cada dia basta o seu mal” e que a vida provê a cada um de acordo com seu esforço, merecimento e necessidades. Pode, assim, entregar-se à guiança do Pai, que sabe o que convém, como convém e quando convém, sem se atrasar ou antecipar nunca, sempre agindo no tempo certo de todas as coisas.

Maria, ao contrário de Marta, aguardava em casa enquanto sua irmã corria ao encontro do Mestre. Ao seu chamado, compareceu e acompanhou-o ao sepulcro de Lázaro. Aquele que é sábio aguarda o tempo certo de todas as coisas, sem ansiedade. Tal qual Maria, ocupa-se da boa parte, ouvindo a mensagem de amor e ocupando o tempo em servir à vida, ao invés de lamentar ou exigir o que deseja ou julga necessitar.

Via de regra o homem tem mais do que necessita para sua vida, material e espiritual. O que falta é o bom uso das divinas concessões, somente possível quando o ser se esquece de si mesmo (do seu egoísmo e personalismo), olhando à sua volta, questionando com sabedoria: como posso servir à vida que me rodeia, com o que tenho a oferecer?



AUTOAMOR E IMORTALIDADE DA ALMA

Ao falarmos de autoamor como medicação segura para os doentes do corpo e da alma, analisamos o ser e as circunstâncias sobre a perspectiva ampliada, a da imortalidade da alma.

Muitas vezes o entendimento do tema se restringe a prescrições de atitudes de autocuidado em que se recomenda o estabelecimento de limites e a obtenção de prazer que façam frente às insatisfações crônicas e às lesões decorrentes de culpas e do autoabandono.

Sem dúvida, a busca por renovação das forças e a construção de espaços de benevolência e beneficência que comecem nos atos por si mesmo são recursos de reequilíbrio. No entanto, como seres imortais viajores da eternidade, temos de considerar que auto amor representa reconexão com a ordem, o equilíbrio e a submissão ativa à divina vontade que rege o universo com perfeição.

O ser demonstra que verdadeiramente se ama não quando faz o que deseja, mas quando executa ou acata o que convém no reconhecimento dos deveres que a vida lhe apresenta na atualidade das experiências a serviço da lei de causa e efeito, mas sobretudo da lei de amor, que busca ampliar a consciência da criatura para o reconhecimento e expressão de sua divina realidade a partir do reconhecimento da divina progenitora.

O ser se ama quando aprende a calar a voz do ego que exige para colher a voz do céu que pacífica, humilde e serena por saber se cuidado, amparado pela misericórdia infinita do Criador.

A criatura se ama quando faz silencio interior nas petições para ouvir a voz de Deus falando em intimidade por meio de si mesma e das circunstancias que a socorrem no eterno bem.

Autoamor, à luz da imortalidade da alma, transcende a busca e conquista de prazer para si, configurando-se como um movimento real de reconexão da criatura que aprende a amar e servir, perdoar e passar, prosseguindo nas lutas reeducativas, na certeza de que tudo está certo e adequado para aquele que é humilde e conectado à fonte de eterno amor.

A
U
T
O
A
M
O
R

AMOR, FONTE DA VIDA

No roteiro evolutivo em direção à perfeição, a crisálida divina desenvolve-se, revelando-se, à medida que se nutre das experiências intelecto-afetivas que a encarnação oferece.

No turbilhão das emoções primárias e dos esforços de aprimoramento, a criatura que caminha da imperfeição para a grandeza do filho de Deus, muitas vezes se perde nas teias da lei de causa e efeito, colhendo frutos amargos das atitudes de negação do amor, determinadas pelos estágios de imaturidade espiritual.

Auto-obsessões e obsessões interpessoais são estabelecidas no jogo das relações passionais, frutos da ilusão da materialidade e seus jogos de poder e domínio, que obstaculizam a percepção e consciência das leis divinas dentro de si.

Egresso de um passado de erros e acertos, perante o bem universal, colhe o ser o fruto de seus plantios em sua própria alma e nos outros, construindo contextos reeducativos complexos no seio da família e das relações afetivas, em que os indivíduos alternam os papéis de vítimas e algozes, perpetuando ciclos de mágoas e lesões afetivas, até que amadurecidos e sensibilizados pelo amor ou pela dor, abrem-se para o amor doação, que não requer retorno.

Tal estado de maturidade da alma é consequência do contato do ser com a fonte divina dentro de si. Enquanto permanece preso nos conflitos do ego, enovela-se em sentimentos paradoxais e muitas vezes destrutivos. No entanto, quando se conscientiza da suprema paternidade e do incondicional amor do Pai, abre-se para a conexão com a fonte na intimidade do ser, retirando as forças afetivas dos núcleos neuróticos superficiais defensivos e traumáticos para deslocá-las para nutrição de profundidade onde vigora a força e o poder real.

Sendo a saúde a “**real conexão criatura Criador**” cumpre auxiliar o enfermo a se reconectar com o bem que há em si relativizando

as forças e os valores das atitudes alheias para reconhecer as possibilidades de realização em favor de si mesmo e do mundo a partir do autoencontro. Tal movimento de libertação só é possível quando a alma passa a olhar a si e aos outros com o olhar de amor do Criador do momento primeiro, guardando na alma a certeza do amor primordial que estruturou a vida.

Tal consciência, aliada a uma visão teológica renovada pelos ideais de imortalidade permite que o indivíduo se sustente sem as angústias das cobranças do amor alheio, reconhecendo que pode encontrar em si a capacidade de amar e acolher, servir e prosseguir, aguardando no tempo a resolução dos conflitos interpessoais que se apresentam temporariamente insolúveis.

O autoamor, portanto, é o caminho da paz para a alma e para alcançá-lo é necessário partir do contágio da experiência amorosa, propiciado pelos instrumentos de Deus colocados a serviço da vida – e sempre os há – para o acolhimento integral e a libertação interior.

Destinado a divinos fins, o espírito não se encontra terminantemente perdido em meio às sombras da ilusão mas está momentaneamente encapsulado no não reconhecimento, até que o amor – ou a dor – o liberte para percepções reais mais profundas a respeito de si.

Propiciar tal encontro com a verdade é o papel do terapeuta cristão colocado na vida como instrumento do Pai para a anunciação da verdade e do amor pelo contágio da experiência amorosa que o preencha.

POSTURAS ESSENCIAIS DO PACIENTE NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE CURA

“Vai, a tua fé te curou.”

*Jesus, a vários enfermos curados*¹²⁰

A humanidade está cheia de enfermos do corpo e da alma. Criaturas que sofrem no corpo e no psiquismo os efeitos naturais da desconexão com a Lei suprema. Percorrem os consultórios do mundo e os profissionais variados no afã de alcançarem anestesia dos sentidos e do sofrimento.

Em um nível profundo, o da realidade imortal da vida, a cura é compreendida como o fenômeno de renovação dos padrões morais que se expressam em atitudes, revelando as matrizes das crenças e sentimentos, hauridas nas múltiplas vivências do espírito em encarnações variadas.

Para que se alcance o entendimento da linguagem da alma no corpo e se possibilite a renovação eficaz, com a consequente reconexão com a lei divina, são necessárias algumas posturas essenciais para o paciente que se candidata a uma relação autêntica com um terapeuta do espírito.

1. Verdade. Para entrar em um processo eficaz de cura é necessário ser verdadeiro consigo mesmo e com aqueles que o auxiliam no autoencontro fundamental. É essencial “lançar de si a capa”¹²¹ e falar daquilo que vibra na alma, sem a vergonha tóxica daqueles que necessitam ser admirados ao invés de serem ajudados em um processo de cura profunda.
2. Esforço. Para renovar as matrizes da alma é necessário o esforço adequado que leva o indivíduo a acolher luz e sombra

¹²⁰ Lucas 8:48 e outras.

¹²¹ Ato realizado pelo cego de Jericó quando chamado a se apresentar a Jesus, perante a multidão.

em sua intimidade, passando a amar o ser integral que é, com autoaceitação e autoconhecimento que promovem a renovação. O esforço essencial à cura é aquele que silencia as vozes da autopunição e propicia ao ser a experiência de autoamor que preserva a integridade, a saúde e a harmonia interior.

3. Paciência. Nenhum processo patológico se constrói da noite para o dia e, da mesma forma, a cura demanda tempo, processo e atitudes sequenciadas a fim de que o esforço automatize os padrões modificados de conduta, a partir das matrizes de crenças renovadas pelo conhecimento que liberta e as do sentimento, transformadas pela sensibilização da alma. A paciência é a ciência da paz e para alcançá-la é necessário abrir mão do perfeccionismo exigente, da comparação mórbida com os comportamentos alheios e a ansiedade neutralizante, que exige que os frutos apareçam antes de a árvore fortalecer-se pelos esforços naturais no tempo.
4. Perseverança. Aquele que está em processo de cura integral sabe que a cada dia percebe uma mensagem nova no corpo e descobre uma nuance nova de si mesmo e da vida. Sabe ainda que faz parte de um contexto maior e que está vinculado a uma sociedade à qual faz juz e a corações com os quais está moralmente comprometido e, portanto, submete-se a expectativas reais de conquistas e progresso, na consciência de que só tem poder real para mudar a si mesmo e nunca ao outro, que tem vontade própria que deve ser respeitada e considerada em um processo pessoal de amadurecimento no tempo.
5. Oração. Aquele que deseja curar-se necessita fortalecer-se nos caminhos da vida. Sendo espírito imortal, afastado da fonte, caminha para a reconexão com o Pai em si, ao qual negou durante longo tempo devido à ignorância e à prepotência consequentes da desconexão. Nesse contexto, a oração, diálogo interno com Deus em si, se apresenta como o esforço de

submissão ao alto, como um movimento de humildade daquele que se reconhece necessitado e abre-se para a possibilidade de nutrir-se do fluxo de amor maior que a vida disponibiliza incondicionalmente para todos, bons e maus. A oração que fortalece o movimento de cura é aquela que não exige nem nada requer, mas reconhece na Sabedoria Suprema da vida – o Pai – a guiança fundamental e a ela se abre, com confiança.

6. Entrega. O caminho de cura é caminho de fé ativa em que a alma faz aquilo que concebe, mas entrega a sua vida, necessidades e potencialidades, à força maior que a governa, abrigando em si a fé, a esperança e o otimismo. Sem fé não há movimento de cura, pois aos sentidos humanos limitados é impossível prever os meandros do rio da vida que flui sob a influência de ligações cármicas, evolutivas, que só a Sabedoria divina conhece e sabe equacionar.
7. Coragem. Para haver cura é essencial o contato com a alma, por meio da razão enobrecida e do coração, ou sentimento, desperto. A criatura que deseja caminhar em direção à harmonia interior precisa aprender a ouvir Deus dentro de si, pelas determinações e guiança do próprio coração. Isso significa coragem.
8. Adesão às propostas terapêuticas. Sem seguir as linhas terapêuticas propostas por aqueles que estudam o comportamento e o corpo humano, e acolhem o ser em sofrimento, é improvável que se alcance a cura. Medicação, dieta, exercícios, dentre muitos outros instrumentos terapêuticos, são recursos de misericórdia para a criatura que aprende a receber porque necessita e beneficia-se porque merece, como filha de Deus que é.

Jesus conhecia todas essas técnicas e posturas essenciais e como sublime educador promovia a expansão consciencial da alma que se candidatava à cura, indagando, propondo reflexões morais,

questionando as crenças cegas e induzindo a reflexão sobre as questões éticas da vida, que consolidava a fé.

Quando ofertava o seu magnetismo curativo, o fazia encerrando longos ciclos de amadurecimento e crescimento pessoal, propiciando que aqueles que se encontravam em condição adequada alcançassem a cura por meio da fé, que traziam na intimidade.

Por isso afirmava: “Vai, a tua fé te salvou ou curou”, ensinando que o amor repara os órgãos físicos lesados e a intimidade sofrida, mas somente a consciência desperta consolida a cura integral, por meio da reconexão com o amor, a reconexão com o Criador.